

Aplicação do modelo clássico de ciência: Uma análise da teoria ética de Brentano

Application of the classical model of science:
an analysis of the ethical theory of Brentano

Mateus Romanini*

RESUMO: Este artigo consiste na aplicação do Modelo Clássico de Ciência, sistematizado por de Jong e Betti, à teoria ética de Brentano com o intuito de verificar as possibilidades de aplicação deste modelo. Como introdução à teoria de Brentano será apresentada uma noção geral do intuicionismo ético, definindo onde podemos situar sua teoria. Em seguida será analisado o que, em concordância com Moosa, pode ser considerado o núcleo do intuicionismo ético de Brentano. É a este núcleo que será aplicado o Modelo Clássico de Ciência. Para que possamos avaliar se a teoria ética do autor pode ser considerada científica, demonstraremos de modo bastante geral em que consiste o Modelo Clássico de Ciência. Por fim, será feita uma avaliação da teoria de Brentano, seguindo a aplicação do modelo proposto. Destas etapas é possível concluir que, ao sistematizar a teoria de Brentano de modo a que cumpra as condições exigidas pelo Modelo Clássico, ela pode ser tomada como científica conforme o modelo proposto.

PALAVRAS-CHAVE: Modelo Clássico de Ciência. Teorias Científicas. Teoria Ética de Brentano.

ABSTRACT: This article is an application of the Classical Model of Science, systematized by de Jong and Betti, to Brentano's ethical theory in order to verify the possible application of this model. In order to present Brentano's theory will be show an overview of what we can understand why ethical intuitionism, defining where we can situate his theory. Then will be considered, in agreement with Moosa, which can be considered the core of Brentano's ethical intuitionism. About this core is that will be applied the Classic Model of Science. So to assess whether the ethical theory of the author may be considered scientific, we will demonstrate in a very general view in which consists the Classical Model of Science. Finally, will be an evaluation of Brentano's theory, following the application of the proposed model. Of these steps can be concluded that, by systematizing the theory of Brentano in order to meets the conditions required by the Classic Model, it can be taken as scientific following the proposed model.

KEY-WORDS: Classical Model of Science. Scientific Theories. Brentano's Ethical Theory.

*Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria. Contato: ironmateus@yahoo.com.br

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 61-73
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

Introdução

Franz Brentano (1838 – 1917) é conhecido principalmente por sua valiosa contribuição à fenomenologia, devido sua formulação da noção de intencionalidade contida em sua obra fundamental, *Psicologia de um ponto de vista empírico (Psychologie vom empirischem standpunkte*, 1874). Esta noção de intencionalidade teve enorme influência principalmente no campo da fenomenologia, um exemplo disso é a obra de Husserl, um de seus mais notáveis discípulos. Menos reconhecida é a significação e importância de sua única porém brilhante obra sobre ética, inicialmente uma conferência, foi publicada sob o título *Vom Ursprung sittlicher Erkenntnis* (1889)¹.

Segundo Moosa (2007), esta obra sobre ética foi muito bem recebida, exercendo influência sobre filósofos como Max Scheler e G. E. Moore. A ética de Brentano forma a base da Teoria do Valor de Scheler – segundo a qual os valores são objeto de uma intuição que se identifica com o sentimento – e gerou comentários bastante positivos de Moore na sua análise da tradução inglesa de 1902. Segundo Moore²:

Esta é a melhor discussão sobre os princípios mais fundamentais da ética do que qualquer outra com o qual estou familiarizado. Brentano está plenamente consciente de que ele tem feito um avanço muito grande na teoria da ética... E sua confiança tanto na originalidade quanto no valor do seu trabalho é totalmente justificada... Seria difícil exagerar a importância de seu trabalho.

O presente artigo tem por objetivo a aplicação do Modelo Clássico de Ciência sistematizado por Willem R. de Jong e Arianna Betti no artigo *The Classical Model of Science: a millennia-old model of scientific rationality*. Este modelo consiste no ideal axiomático tradicional do conhecimento científico sistematizado de modo a tornar-se um sistema interpretativo cuja finalidade é a de contribuir com os debates tradicionais sobre a especificidade da ciência.

Dado que não há um critério de demarcação claro que permita a distinção entre o que pode ser dito ciência e as pseudociências e demais teorias, parece interessante, por vezes necessário para fazer

¹ Para este artigo será utilizada a tradução de Manuel García Morente para o espanhol, intitulada *El Origen del Conocimiento Moral*, publicada em 2002.

² *Apud*. MOOSA, Imtiaz. Naturalistic Explanations of Apodictic Moral Claims: Brentano's Ethical Intuitionism and Nietzsche's Naturalism. In: **Ethical Theory and Moral Practices**. pp 159 – 182. Springer Science. Volume 10, number 2/ April, 2007.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 61-73
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

tal demarcação, tentar classificar teorias seguindo determinados modelos de ciência. O Modelo Clássico foi escolhido por ser o mais utilizado ao longo de toda a história da filosofia, de Aristóteles a Kant, mas também por filósofos contemporâneos como Frege. As condições para considerar a teoria ética de Brentano como científica ou não científica serão as mesmas exigidas pelo Modelo Clássico.

1. Uma visão geral sobre intuicionismo ético

Segundo o intuicionismo somente podemos conhecer algo sobre a moral através da intuição. Esta corrente afirma que juízos sobre o que é bom são “auto-evidentes”, isto é, são conhecidos diretamente, sem qualquer tipo de mediação. Esta auto-evidência se distingue da obviedade no seguinte sentido: ela exige um desenvolvimento da capacidade humana de formular juízos cuja veracidade é conhecida a priori. Assim, o critério de verdade utilizado é a clara evidência destes juízos.

Deste modo, o intuicionismo ético, ou moral, consiste em considerar a capacidade de formar juízos auto-evidentes e não inferenciais sobre determinadas ações, regras ou qualquer coisa que seja correta ou boa. A estes juízos, cuja verdade independe de mediações para ser acessada, ou seja, que é diretamente conhecida, são chamados de intuições morais.

Há pelo menos duas formas de intuicionismo moral: a primeira daremos o nome de intuicionismo da regra; enquanto que a segunda será chamada de intuicionismo do ato. Por intuicionismo da regra pode-se entender uma teoria que declara: (1) o que é diretamente apreendido pelas intuições morais são geralmente princípios éticos, por exemplo, o imperativo categórico kantiano; e (2) que estes princípios gerais formam a base segundo a qual podemos avaliar o valor moral de ações, intenções ou qualidades e defeitos de uma pessoa. Por outro lado, intuicionismo do ato propõe que o valor moral de determinadas ações, intenções ou características de uma pessoa são, elas mesmas, diretamente intuídas. O intuicionismo de Brentano, como será demonstrado, é melhor caracterizado como um intuicionismo do ato.

2. Brentano e o intuicionismo do ato

Um julgamento moral sobre se algo é bom, para Brentano, pressupõe “amor correto”. Eis a originalidade da teoria de Brentano, pressupor que para termos conhecimento em ética é necessário

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 61-73
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

fundamentar a ética nos sentimentos. Segundo Brentano³: “Chamamos algo bom quando o amor que se refere a ele é correto. O amável com amor correto (*mit richtiger Liebe*), o digno de amor (*das Liebwert*), é o bom no mais amplo sentido da palavra”. Deste modo podemos considerar dois pressupostos levando em consideração as palavras de Brentano:

1. Apenas o amor pelas coisas boas, que são dignas de amor, é amor correto.
2. Somente as coisas que são boas ou merecedoras de amor podem ser amadas por um amor correto.

Analisando os dois pressupostos acima, parece que a definição de bom é circular, e até mesmo tautológica, pois “amor correto” e “coisas merecedoras de amor” parecem ser definidas em termos umas das outras. Mas este é apenas um problema aparente. Sem dúvida nossa experiência da correção do amor estabelece a base para declarar que o que é amado é de fato merecedor de amor. Amor correto é o pré-requisito para determinar que espécies de coisas são boas, isto é, o conceito de bom é fundamentado no sentimento de amor correto por algo. No entanto, o contrário não é possível. Não precisamos afirmar primeiro que o que é amado seja bom para identificar um amor como sendo correto. Amor correto pode ser reconhecido independentemente de um objeto e por si mesmo, ou seja, este amor é análogo aos juízos verdadeiros auto-evidentes. Já o bom é reconhecido por meio deste sentimento de amor correto.

Os sentimentos também possuem uma determinada lógica, pois do contrário não haveria como identificá-los. Ao vivenciarmos um amor correto nós não apenas notamos que um objeto é amado e amável, e que sua privação ou contrário deste objeto é odiado e odiável, mas também que, necessariamente, um é merecedor de amor enquanto o outro é merecedor de ódio⁴, ou seja, algo que é amado não pode ao mesmo tempo ser odiado e vice-versa – há uma aplicação do princípio de identidade, isto é, algo não pode simultaneamente ser e não ser. Deste modo, o amor correto nos informa da sua própria correção tanto quanto do merecimento (ou desmerecimento) da coisa amada. Ele justifica a si mesmo assim como seu objeto.

O intuicionismo moral de Brentano consiste basicamente no seguinte: julgamentos morais verdadeiros acerca de determinadas coisas como sendo boas são possíveis devido a nossa apreensão ou intuição direta e auto-evidente da correção dos atos específicos de amor. Tais juízos são também

³ BRENTANO, Franz; *El Origen Del Conocimiento Moral*. Estudio Preliminar, XIX. Editorial Tecnos (Grupo Anaya. S.A.). Madrid, 2002.

⁴ BRENTANO, Franz; *El Origen Del Conocimiento Moral*. p.29. Editorial Tecnos (Grupo Anaya. S.A.). Madrid, 2002.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 61-73
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

resultado desta mesma apreensão. Nossa intuição quanto à correção dos atos de amor é a responsável pela existência de juízos morais verdadeiros.

Poderíamos objetar que coisas boas não são sempre amadas, e que às vezes são até mesmo odiadas. Mas este ponto não refuta a teoria de Brentano. Segundo Brentano⁵ não há garantia que toda coisa boa irá provocar em nós um amor correto. Quando isso ocorre, nosso critério falha, pois é como se o bom não se fizesse presente para o nosso conhecimento, como se a razão desviasse do caminho correto. A experiência do amor correto é certamente uma condição suficiente, mas não necessária para averiguar o que é bom. Quando amamos corretamente nós sabemos que o que é amado merece sê-lo, porém, poderíamos estar alheios às coisas que merecem ser amadas.

Para citar um exemplo de amor correto que poderia tornar-se alheio a qualquer um de nós citemos o exemplo do amor de Jesus pelos pecadores⁶. Poderia haver amor correto para pessoas indignas, uma vez que o amor aos pecadores é obviamente repreensível? Inegavelmente amar a depravação não pode ser considerado algo correto. Jesus pôde ignorar o exterior desagradável dos pecadores a fim de estimar sua bondade escondida, este pode ser um exemplo da sublimidade do seu amor. Ele certamente não tinha amor correto pelos vícios dos pecadores, mas apenas pela bondade, por mais escondida que ela estivesse.

Fica ainda uma questão importante a ser respondida: como podemos confiar em nossa capacidade de conhecer o amor correto, dado que muitas pessoas se deleitam com a perversidade, e outras são atormentadas por culpas internas ocasionadas por emoções benignas? Por outro lado poder-se-ia questionar: podemos dizer que, apenas porque fanáticos são convencidos por razões oblíquas e idéias absurdas, nós não podemos dar crédito a nossa habilidade de discernir idéias ou razões que são corretas? Diariamente matemáticos reconhecem razões corretas. Brentano acreditava que do mesmo modo a correção do amor pode também ser reconhecida como demonstra a seguinte analogia:

Sempre que eu perceber que julgo com evidência, estou consciente de mim mesmo como julgando corretamente... E quando é nossa atitude emocional está em causa, concluímos que a situação é análoga. Nós sabemos com evidência imediata que algumas de nossas atitudes emotivas são corretas⁷.

⁵ BRENTANO, Franz; *El Origen Del Conocimiento Moral*. p.30. Editorial Tecnos (Grupo Anaya. S.A.). Madrid, 2002.

⁶ MOOSA, Imtiaz. Naturalistic Explanations of Apodictic Moral Claims: Brentano's Ethical Intuitionism and Nietzsche's Naturalism. In: **Ethical Theory and Moral Practices**. p.162. Springer Science. Volume 10, number 2 / April, 2007.

⁷ MOOSA, Imtiaz. Naturalistic Explanations of Apodictic Moral Claims: Brentano's Ethical Intuitionism and Nietzsche's Naturalism. In: **Ethical Theory and Moral Practices**. p.162. Springer Science. Volume 10, number 2 / April, 2007.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 61-73
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

A seguir apresentaremos o Modelo Clássico de Ciência, que será aplicado à teoria ética de Brentano para posteriormente concluirmos se esta pode ou não ser considerada científica.

3. O Modelo Clássico de Ciência

Segundo este Modelo, ciência é um sistema S de proposições e conceitos (ou termos) que satisfazem determinadas condições. Estas condições podem ser divididas em dois grandes grupos: o primeiro se refere à ordem ontológica; o segundo contém as condições referentes à ordem epistemológica. Este modelo deixa espaço tanto para um sistema de proposições ordenado por relações fundamentais ou dedutivas (propriamente axiomáticas) quanto para um sistema de termos ou conceitos ordenados por significados e definições (voltado mais para questões de linguagem). Neste segundo sentido, a ciência como um sistema axiomático abrange também a questão dos termos e seus significados.

As condições que devem ser satisfeitas no Modelo podem ser esquematizadas do seguinte modo⁸:

- | | | |
|---|---|---|
| <p>(1) Todas as proposições e todos os conceitos (ou termos) de S dizem respeito a um conjunto específico de objetos ou a um certo domínio de seres.</p> <p>(2a) Há em S um número do que podemos chamar de <i>conceitos (ou termos) fundamentais</i>.</p> <p>(2b) Todos os outros conceitos (ou termos) que ocorrem em S são <i>compostos de</i> (ou são <i>definidos por</i>) estes conceitos (ou termos) fundamentais.</p> <p>(3a) Há em S um número do que podemos chamar <i>proposições fundamentais</i>.</p> <p>(3b) Todas as outras proposições de S <i>seguem de</i> ou <i>são fundamentadas em</i> (ou <i>são prováveis</i> ou <i>demonstráveis por</i>) estas proposições fundamentais.</p> <p>(4) Todas as proposições de S são <i>verdadeiras</i>.</p> <p>(5) Todas as proposições de S são <i>universais</i> e <i>necessárias</i> em algum sentido ou outro.</p> | } | <p>ordem ontológica:</p> <p>(1) Postulado de domínio.</p> <p>(2a), (2b), (3a) e (3b) Postulado de ordem.</p> <p>(4) Postulado da verdade.</p> <p>(5) Postulado da universalidade e da necessidade.</p> |
|---|---|---|

⁸ **Fonte:** JONG, Willem R. de; BETTI, Arianna; *The Classical Model of Science: a millennia-old model of scientific rationality*. p.186. In: **Synthese**. Published Online: 18 November 2008. (Os quadros destacados ao lado foram acrescentados pelo autor do artigo.)

(6) Todas as proposições de S são *conhecidas ser verdadeiras*. Uma proposição não-fundamental é conhecida ser verdadeira através de sua *prova* em S.
 (7) Todos os conceitos ou termos de S são *adequadamente conhecidos*. Um conceito não-fundamental é adequadamente conhecido através de sua composição (ou definição).

ordem epistemológica: (6) e (7) Postulado do conhecimento
--

3.1. A ordem ontológica

No que diz respeito à ordem ontológica podemos definir quatro postulados: Postulado de Domínio; Postulado de Ordem; Postulado da Verdade; e Postulado de Necessidade e Universalidade. O primeiro postulado expõe que todas as proposições, conceitos e termos de uma ciência S dizem respeito a um conjunto específico de objetos. É neste postulado que se busca estabelecer o domínio de cada ciência em particular. A função deste postulado é prescrever que as ciências possuem certa homogeneidade, uma unidade interna na base da qual podemos demarcar e diferenciar uma ciência das outras. No Modelo Clássico o que caracteriza uma ciência é o significado das suas proposições, conceitos, termos e objetos sistematizados de forma a estabelecer uma unidade. Este postulado versa sobre o núcleo do debate acerca de quais disciplinas podem ser consideradas propriamente científicas, isto é, se disciplinas como a lógica, a ética e as disciplinas metafísicas podem ser consideradas ciências ou pseudociências.

O Postulado da Ordem tem a função de garantir a coerência das proposições, conceitos e termos contidos em uma dada ciência. Em primeiro lugar, este postulado afirma que em uma ciência S encontramos um número finito de conceitos, termos e proposições fundamentais que dizem respeito aos princípios dessas ciências. Definidos estes princípios, e este é o segundo ponto relevante deste postulado, todos os outros conceitos e termos que ocorrem em S são compostos ou definidos por estes termos mais fundamentais.

O Postulado da Verdade exige que todas as proposições de uma ciência S sejam verdadeiras. Mas, apesar dessa exigência de verdade irrestrita, este postulado não pressupõe nenhuma concepção particular de verdade. Exige apenas que a verdade exerça influência na escolha entre teorias rivais, ou seja, a verdade ou a falsidade de uma teoria tem papel fundamental na escolha entre teorias rivais.

Por fim, o Postulado da Universalidade e da Necessidade possui as noções de universalidade e necessidade unificadas em um mesmo postulado, isso ocorre devido á ambas as noções serem

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 61-73
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

consideradas intrinsecamente conectadas por grande parte dos filósofos adeptos do Modelo Clássico de Ciência. Dentre estes filósofos encontramos Aristóteles e Kant, este último caracterizando o conhecimento a priori como necessário e estritamente universal. Para fins de análise e para uma melhor explanação deste postulado, universalidade e necessidade serão tratadas distintamente de modo a parecer que sejam dois postulados diferentes.

A universalidade requer apenas que as proposições de uma ciência S sejam gerais ou universais. Universalidade pode ser compreendida tanto no sentido aristotélico, em virtude de que seu significado indica uma propriedade que pode pertencer ou ser atribuída a várias coisas, isto é, ser a mais geral possível, quanto no sentido de haver a possibilidade de um juízo, de qualquer espécie, válido para todos os seres racionais.

Segundo de Jong e Betti⁹ o postulado de necessidade requer que qualquer proposição de uma ciência real seja necessária em algum sentido. Não é claramente estabelecido se esta necessidade diz respeito à *ordo cognoscendi*, sendo deste modo análoga à aprioricidade e/ou certeza, ou se diz respeito à *ordo essendi*, que é aprioricidade como predicação essencial.

3.2. A ordem epistemológica

As condições para a existência de uma *ordo cognoscendi* tornam claro que o Modelo oferece tanto uma teoria para a justificação quanto para a explicação do conhecimento científico, explicação esta que envolve freqüentemente uma forma de fundacionalismo epistêmico. Fundacionalismo é aqui tomado no sentido de que todo o conhecimento é, em última instância, fundamentado ou justificado em termos de conhecimento mais básico, ou fundamental.

A ordem do conhecimento possui duas condições. A primeira diz respeito à necessidade de que todas as proposições de uma ciência S sejam conhecidas como verdadeiras, as fundamentais evidentes por si mesmas e as não-fundamentais por meio de provas em S. A segunda condição exige que todos os conceitos ou termos de S devem ser adequadamente conhecidos, os fundamentais como básicos e indefiníveis e os não-fundamentais através de sua definição.

Estas duas condições formam o que podemos chamar de *Postulado do Conhecimento* ou *Postulado Epistemológico*, onde qualquer proposição de uma ciência S é reconhecidamente verdadeira e qualquer conceito de S é adequadamente conhecido. Tal postulado é bastante geral e deixa em aberto como a justificação de uma teoria funciona. Dada a diferença entre proposições e conceitos

⁹ JONG, Willem R. de; BETTI, Arianna; *The Classical Model of Science: a millennia-old model of scientific rationality*. p.192. In: **Synthese**. Published Online: 18 November 2008.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 61-73
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

fundamentais e não-fundamentais, o Modelo Clássico de Ciência acomoda dois tipos de justificação. As proposições e conceitos fundamentais são auto-evidentes e não precisam de qualquer demonstração para ser justificados. Já os não-fundamentais podem ser tomados como a contraparte epistemológica dos conceitos e proposições não-fundamentais do postulado de ordem. Segundo este tipo de justificação, conhecimento científico é também conhecimento explicativo ou demonstrativo, pois são justificados através de demonstração.

Como podemos ver, proposições e conceitos fundamentais possuem uma posição especial no postulado do conhecimento. Tal postulado deixa em aberto como podemos justificar as proposições e conceitos fundamentais ou mesmo qual seria seu status epistemológico. Uma opção para responder a essas questões é apelar a um segundo postulado, que podemos chamar de *Postulado da Evidência*. Neste postulado utilizamos o conhecimento intuitivo para justificar tais elementos, ou seja, as proposições e conceitos fundamentais de uma ciência S são conhecidos imediatamente ou por si mesmos. Muitos dos antigos adeptos do Modelo Clássico de Ciência tais como Spinoza, Pascal e Bacon parecem aceitar o postulado da evidência para todas as ciências. Kant é uma das notáveis exceções, na primeira crítica, apenas princípios como os da matemática são rotulados como axiomas e a auto-evidência dos princípios que são axiomas é garantida pela faculdade da intuição, especialmente intuição *a priori*. Princípios que não são axiomas são chamados de “princípios discursivos”, tais princípios requerem dedução para que sejam justificados¹⁰.

4. Ética intuicionista de Brentano enquanto ciência

Visto que Brentano aceita a existência e a validade do conhecimento moral, afinal, segundo sua teoria, temos a capacidade de saber quando uma coisa é boa ou má através da nossa intuição sobre a correção dos nossos sentimentos para com as coisas, torna-se necessário sistematizar sua teoria de modo a que cumpra as condições exigidas pelo Modelo Clássico a fim de ser reconhecida como uma ciência.

Com o intuito de abreviar a discussão e facilitar sua compreensão, simultaneamente respeitando os objetivos deste artigo, iremos mencionar apenas os conceitos e proposições fundamentais da teoria de Brentano que já foram abordados no terceiro tópico¹¹.

¹⁰ JONG, Willem R. de; BETTI, Arianna; *The Classical Model of Science: a millennia-old model of scientific rationality*. p.193. In: **Synthese**. Published Online: 18 November 2008.

¹¹ Conferir páginas 3 e 4 do presente artigo.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 61-73
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

Começando pela ordem ontológica, mais precisamente pelo postulado de domínio, podemos dizer que as proposições e conceitos contidos na teoria ética de Brentano dizem respeito a objetos bastante específicos, a dizer, os objetos intencionados¹² por nossos sentimentos, ou *objetos intencionais* que são amados ou odiados. Objetos intencionais são coisas que estão presentes em nossa consciência e podem ou não corresponder com a realidade material. Nenhum objeto intencional independe do estado mental, pois é este que se refere aos objetos, que os intenciona, tornando indissolúvel a relação entre objetos intencionais e estados mentais.

Caracterizado o objeto da teoria ética de Brentano, devemos enumerar os conceitos e proposições fundamentais desta teoria. Tomaremos como princípios desta ciência os conceitos e proposições fundamentais apresentados na terceira sessão deste trabalho. Estes conceitos e proposições servem de fundamento para as seguintes teses: *amor correto nos informa da sua própria correção tanto quanto do merecimento da coisa amada*; e *Amor correto é o pré-requisito para determinar que espécies de coisas são boas*. Tais teses e conceitos derivados são compostos das proposições e conceitos fundamentais que caracterizam e particularizam a ciência aqui proposta.

Dado que o Modelo Clássico não exige uma noção particular de verdade, assumiremos o critério da evidência. De duas atitudes opostas, necessariamente uma será correta e a outra será incorreta, isso é evidente sem necessidade de demonstração. Da mesma forma, segundo Brentano, há atos intencionais que podem ser evidentes, pois quando amamos algo, pode até mesmo haver dúvida quanto ao que se ama, mas não questionamos a existência deste amor. Assim, torna-se evidente que sentimos amor (ou ódio) quando direcionamos este sentimento a algum objeto. É a evidência da correção do sentimento que é tomada como critério de verdade.

Brentano defende a objetividade da ética através da analogia com a lógica visando demonstrar que há conhecimento ético. Enquanto os juízos – dos quais tratam a lógica – podem ser verdadeiros ou falsos, os sentimentos – fundamentos da ética – são de amor ou ódio, e cada um destes sentimentos podem ainda ser considerados corretos ou incorretos. Dada esta analogia, parece que podemos considerar a condição da necessidade suprida. Levando em consideração que é a razão a responsável pela correção dos sentimentos, parece que podemos aceitar que todos os seres humanos podem estar incluídos no conjunto dos indivíduos capazes de amar corretamente, isto é, de amar o bem. Portanto a condição de universalidade também parece ser preenchida.

Passemos agora à ordem do conhecimento. Como propõe o Modelo podemos justificar o conhecimento das proposições e conceitos fundamentais da teoria ética de Brentano por meio do

¹² Por intencionalidade podemos compreender todo estado mental caracterizado pela *referência a um conteúdo* ou pela *direção a um objeto*.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 61-73
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

Postulado de Evidência. Segundo Brentano, reconhecemos com evidência quando amamos ou odiamos um determinado objeto, não há como negar que sentimos frente a algo que nos toca de alguma forma. Sabemos intuitivamente, sem mediação de qualquer tipo, que algo é amado ou odiado, porque este algo nos causa atração ou repulsão. Os demais conceitos e proposições não-fundamentais são demonstrados em termos destes conceitos e proposições fundamentais, por exemplo, amor correto, ou justo, é explicado a partir do conceito fundamental de amor acrescido de correção racional. Todo conhecimento em ética é justificado pela evidência das intuições que temos sobre o que é correto e o que é incorreto.

Conclusão

Levando em consideração que o Modelo Clássico de Ciência não estipula quantos e quais de seus postulados devem ser preenchidos, parece que podemos concordar que a teoria ética de Brentano pode ser considerada científica segundo este modelo.

Digo “parece”, porque a avaliação aqui proposta não visa esgotar o assunto abordado. De modo a delimitar a discussão, não foi feita uma análise exaustiva das teorias abordadas no artigo de forma a não haver possibilidade de extrair uma conclusão em sentido forte. Porém, dado que o Modelo Clássico de Ciência pode ser utilizado tanto no contexto da justificação quando no contexto da descoberta de teorias científicas, podemos utilizá-lo tanto para justificar teorias já estabelecidas nos diversos ramos da filosofia quanto para descobrir novas teorias que ainda não vieram à tona. Portanto fica em aberto sua utilização conforme o intuito do pesquisador, desde que respeite as condições propostas pelo modelo.

Se a análise e aplicação aqui propostas estiverem corretas, elas possibilitam uma linha de interpretação e justificação para que se possa considerar a ética de Brentano como uma teoria científica. Deste modo ficam abertas as possibilidades de aprofundamento do estudo e à busca de uma conclusão mais robusta sobre a possibilidade de uma ciência ética baseada na fenomenologia, além da possibilidade de aplicação deste modelo a outras teorias que visam ser científicas.

Por fim, resta fazer um último esclarecimento. O objetivo deste artigo não é defender o Modelo Clássico de Ciência proposto por de Jong e Betti, assim como não é o de defender que a teoria ética de Brentano seja uma ciência no sentido adotado pelo Modelo. O que é aqui proposto é a possibilidade de aplicação do Modelo Clássico a uma teoria, aplicação esta que visa estabelecer sua cientificidade ou não-cientificidade. Uma defesa do Modelo Clássico ou mesmo da teoria de Brentano ficam como possibilidades para pesquisas futuras.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 61-73
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

Referências

- BRENTANO, Franz; *El Origen Del Conocimiento Moral*. Editorial Tecnos (Grupo Anaya. S.A.). Madrid, 2002.
- JONG, Willem R. de; BETTI, Arianna; *The Classical Model of Science: a millennia-old model of scientific rationality*. In: **Synthese**. Published Online: 18 November 2008.
- MOOSA, Imtiaz. Naturalistic Explanations of Apodictic Moral Claims: Brentano's Ethical Intuitionism and Nietzsche's Naturalism. In: **Ethical Theory and Moral Practices**. pp 159 – 182. Springer Science. Volume 10, number 2 / April, 2007.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 61-73
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------